

O DISCURSO SOBRE A MULHER E O CASAMENTO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS NA DÉCADA DE 50

Naiane Santos Couto¹
Palmira Heine Alvarez²

RESUMO: O presente trabalho visa discutir a construção da imagem da mulher e do casamento no periódico *Jornal das Moças* na década de 50. Tendo como arcabouço teórico a Análise de Discurso Pecheutiana que tem como precursor Michel Pêcheux. Propõe-se discutir o modo como a ideologia e as condições de produção alicerçam as perspectivas de casamento e o papel do sujeito mulher em vários aspectos na sociedade pela ótica da revista supracitada. Como resultado, pode-se afirmar que os veículos midiáticos atuam como transmissores de ideologias sobre o que é ser mulher indicando os modos de constituição da mesma. Dessa forma, colaborando para regulamentação de sentidos que posicionam os sujeitos em espaços demarcados no corpo social, a revista age regulando e normatizando os sujeitos mulheres, conduzindo-as a ocuparem determinado lugar na esfera discursiva.

PALAVRAS CHAVES: Discurso. Mulher. Casamento.

ABSTRACT: This paper aims to discussing the construction of the image of women and marriage in *Jornal das Moças Magazine* in the 1950s. Based on Pecheutian Discourse Analysis, which has as its precursor Michel Pêcheux, it is proposed to discuss the way in which ideology and conditions of production contributes to generate meaning of marriage in the analyzed material. As a result it can be affirmed that the media vehicles act as transmitters of ideologies about what it is to be a woman indicating the ways of constitution of the women in the society. The magazine acts regulating and normalizing the female subjects, leading them to occupy a certain place in the discursive sphere.

KEY-WORDS: Discourse. Woman. Marriage.

Considerações iniciais

O artigo ora apresentado objetiva analisar, à luz da Análise de Discurso Pecheutiana (doravante AD), materialidades diversas que circularam no periódico feminino *Jornal das Moças* na década de 50 no Brasil, a fim de observar os modos de funcionamento da ideologia e das condições de produção da época, no estabelecimento de sentidos sobre mulher e casamento.

A teoria da AD foi concebida no entremeio de três campos distintos de estudo, são eles a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, no entanto, isso não ocorreu de modo subordinado.

¹ Graduanda da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista Fabesb. E-mail: nannensc@hotmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da UEFS. E-mail: pavibheine@gmail.com

Herdou da Linguística a ideia de língua como não transparente, indicando que não há uma relação direta entre palavras e coisas. Segundo a AD, tal relação é, ao contrário, moldada pelo viés da ideologia que fornece as evidências para constituição dos sentidos, deixando, por isso, marcas na língua.

Do Marxismo, Pêcheux insere na sua teoria a ideia de materialismo histórico que através das lutas de classes o sujeito é visto como produtor da história. Mas, a partir do materialismo histórico, a região que mais interessa à Análise de Discurso Pecheutiana é a da ideologia. Segundo Pêcheux:

O funcionamento da ideologia se dá a partir do interpelar do sujeito, ou seja, a partir do assujeitamento desse sujeito a uma determinada ideologia. Isso se dá: de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (PÊCHEUX & FUCHS 1997, p. 166).

Assim, é pela ideologia que o indivíduo se constitui sujeito, sendo interpelado ideologicamente e sendo conduzido a ocupar um determinado lugar social. Tal funcionamento não se mostra de maneira clara para o sujeito, mas, ao contrário, faz com que o mesmo não se dê conta de que está sendo ideologicamente interpelado.

Outra noção importante, usada na AD, é a de inconsciente a partir das ideias de Lacan. Para este último, o inconsciente é estruturado em forma de linguagem e o sujeito é sempre afetado por este, portanto, não é dono do dizer e sim retoma ao que já foi dito anteriormente em um outro local ressignificando já-ditos. Assim, a AD se constitui no entremeio dessas disciplinas, estabelecendo um novo lugar para o estudo do discurso.

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento-Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção - a de discurso - que não se reduz ao objeto da lingüística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Marxismo perguntado pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2015, p.18)

Segundo Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos. Isso significa dizer que o discurso é uma construção, que ele não está pronto. O efeito de sentido é algo que não é dado previamente, e pode variar a depender da posição do sujeito no discurso. Segundo ele, o termo discurso implica que: não se trata necessariamente de transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B (PÊCHEUX 1997, p. 82). Os pontos A e B não representam os sujeitos empíricos em si mesmos, mas sim os lugares ocupados por tais sujeitos na estrutura social.

O sujeito discursivo não é um sujeito empírico em sua particularidade, mas deve ser considerado um sujeito social, percebido sempre na coletividade, em suma, o sujeito pode ocupar diversas posições e isso proporciona inúmeras interpretações. Um conceito também importante adicionado a este trabalho é ideia de assujeitamento, que ocorre quando o indivíduo é interpelado em sujeito. Assim, o sujeito ideológico tem a ilusão de ser a origem do dizer, entretanto apenas retoma os sentidos anteriores, não sendo então, o sujeito quem origina os sentidos.

Esta ilusão ocorre, segundo Orlandi (2015), através do esquecimento ideológico, o esquecimento número 1, em que o sujeito esquece que está sendo interpelado pela ideologia. A autora afirma que esse esquecimento “é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (Orlandi, 2015 p.33).

O discurso sempre se constitui a partir do já dito. Entende-se por interdiscurso o conjunto de tudo que já foi dito e esquecido, que é o alicerce e o fundamento da atividade discursiva. O que se diz pauta-se nos já-ditos, se diz a partir de discursos anteriores. Segundo Heine:

Concebido, de acordo com o que estabelece Pêcheux, como a rede de todos os discursos, já ditos e esquecidos, também podendo ser observado como sinônimo de memória, o interdiscurso tem sido noção basilar para os estudos da AD. O interdiscurso é conjunto do dizível marcado sócio historicamente, a partir do qual todo discurso se constrói.
(HEINE, 2012, p.30)

A última noção teórica a ser trazida neste trabalho é a de silêncio. O silêncio é contínuo, ambíguo, e sempre haverá sentidos a dizer, é no silêncio que reside tudo que é possível ser dito, pois o silêncio é o que permite que haja linguagem e sentido. Para dizer é preciso não dizer. O não dizer significa tanto quanto o que se diz. Quando se diz algo, outros sentidos são silenciados, outros sentidos deixam de aparecer. Assim como o discurso, o silêncio não é vazio e, como a linguagem, não é transparente, mas indica um prenúncio de um todo significativo. Segundo Orlandi, pode-se afirmar que:

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2015 p.13)

Ainda de acordo com Eni Orlandi, o silêncio pode ser categorizado da seguinte maneira: a) silêncio fundador, que é o que possibilita o dizer, ou seja, o princípio de toda

significação, b) política de silêncio que, por sua vez subdivide-se em silêncio local e constitutivo. O silêncio local representa a censura, o sentido proibido que não pode aparecer em determinada conjuntura. O silêncio constitutivo indica que quando se diz algo, outra coisa é silenciada. Nesse ocorre o entrelaçamento do dizível e o do não dizível, que acontece dentro da conjuntura sócio-histórico-ideológica. Portanto, quando se enuncia algo necessariamente, apagam-se outros sentidos possíveis, estes que podem ser indesejáveis no discurso em dada situação. Consoante Orlandi (2007), o silêncio constitutivo:

Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando consequentemente os limites do dizer. (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

Assim, o silêncio constitutivo relaciona-se com a posição ocupada pelo sujeito na atividade discursiva. É a posição do sujeito que o faz dizer X e silenciar Y. Com base no arcabouço teórico da AD analisaremos os modos de constituição de sentidos sobre mulher e casamento nas materialidades que circularam no *Jornal das Moças* da década de 50.

O Periódico *Jornal das Moças*: “A revista da mulher no lar e na sociedade”

O Periódico *Jornal das Moças* esteve disponível na sua forma física entre as décadas de 1930 e 1960, sendo editado no Rio de Janeiro e circulando no Brasil. Sua redação era composta na sua maioria por homens, entretanto o periódico era destinado ao público feminino da classe média. A revista circulava nas grandes capitais do Brasil e abrangia também algumas grandes cidades do interior. Intitulava-se como o “arauto das coisas boas que só a família pode proporcionar”, priorizando nas suas matérias temas considerados do universo feminino como: moda, culinária, cuidados com o lar e casamento.

Com uma gama vasta de dicas para a manutenção do casamento, a revista vangloriava-se em ser a “detentora da moral e dos bons costumes”, com isto muitos conselhos eram publicados semanalmente nas suas páginas, conselhos sobre como cozinhar bem, como dirigir-se ao marido, como cuidar da aparência e dos filhos. À mulher era atribuída a função de responsabilidade do casamento e se tornaria infeliz, caso ela não desempenhasse seu papel com excelência, podendo, com isso, a família desestruturar-se.

Nas condições de produção da época, cabia à mulher um mesmo destino: o de casar e ter filhos, tornando-se dona de casa. No contexto histórico dos anos 50, a mulher ainda ocupava timidamente postos de trabalho, sendo levada a ocupar o espaço doméstico e cabendo ao

homem ser o “provedor” financeiro da família. Deste modo, as moças eram educadas para desempenhar esta função, pois o casamento era visto como o caminho para as realizações dos sonhos femininos. O jornal incentivava as mulheres a educarem suas filhas para serem boas mães e excelentes donas de casa, assim cumprindo o “destino feminino” proposto socialmente.

Assim, as mulheres ainda eram vistas a partir das concepções arraigadas, das décadas anteriores, de dedicação ao lar e aos filhos.

A família conjugal é o modelo dominante. Nas casas de classe média, as famílias são de fato tipicamente compostas por pai, mãe e filhos (...). A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, “o chefe da casa”, e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação. (PINSKY, 2014, p. 18)

Desse modo, interessa neste trabalho, analisar os modos de construção discursiva do casamento na Revista *Jornal das Moças* da década de 50. Ao examinarmos os temas abordados na revista, é possível perceber o funcionamento do silêncio local, o da censura, que no caso da revista funciona como interdição. Apesar da efervescência política e econômica da década de 50 no Brasil, assuntos relacionados à política, a questões econômicas e sociais não apareciam na revista aqui analisada, eram interditados uma vez que, tais temas não eram considerados como pertencendo ao “universo feminino”. O silêncio indica, portanto, um funcionamento ideológico que conduz a mulher a ocupar determinados lugares e não outros na atividade discursiva.

Aspectos Metodológicos

O corpus utilizado foi composto por dez revistas do *Jornal das Moças* da década de 50, onde foram aplicados os conceitos da AD para a análise dos dados. Foram utilizados recortes compostos por textos verbais e não verbais, assim a análise foi realizada procurando observar a relação entre o dito e o que é silenciado, e procurando as marcas de funcionamento da ideologia na língua.

A análise ocorreu em três etapas: primeiro foi feita a leitura da exterioridade linguística do texto à procura de elementos que direcionassem para o discurso, colocando o dito em conexão com o não dito, assim, examinando os possíveis sentidos. Na segunda etapa buscou-se observar o funcionamento dos sentidos, a partir dos indícios do funcionamento da ideologia.

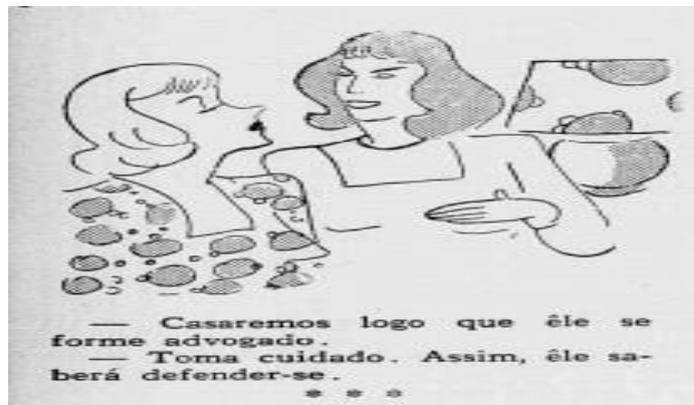
Por fim, a análise inclinou-se sobre a observação dos sentidos do casamento através da análise das marcas da ideologia, do interdiscurso e silêncio, identificando o sentido que foi construído acerca do que é ser mulher.

Ao longo do processo de análise foi possível identificar o modo como a ideologia dominante agiu na construção de sentidos, conduzindo a mulher a ocupar determinados lugares que eram considerados essencialmente femininos, dentre eles, o lugar do lar e do casamento. Assim, observou-se a construção discursiva da mulher a partir do trabalho da ideologia que era difundida pelos veículos de comunicação de um modo geral e, especificamente, pela Revista *Jornal das Moças* na década de 50.

Análise de dados: A discursivização da mulher e do casamento

As imagens analisadas a seguir, foram retiradas da revista *Jornal das Moças* no período da década de 50. O exemplo 1 é uma das imagens que compõem o corpus selecionado para análise dos dados. Nele, duas mulheres conversam e o bate-papo gira em torno do tema casamento.

Figura 1: Exemplo 01



O exemplo foi selecionado da seção *Traças e Troços* do periódico *Jornal das Moças* da década de 50. Esta seção tinha como finalidade o entretenimento para suas leitoras, veiculando piadas e imagens engraçadas. Na parte não verbal, aparece a imagem de duas mulheres vestidas à moda da época, conversando. A que está à direita, esboça um sorriso e a que está à esquerda está com um ar pensativo. Na parte verbal do exemplo aparece o seguinte diálogo: *-Casaremos logo que ele se forme advogado. -Toma cuidado, assim ele saberá defender-se.*

Pelo trabalho da ideologia dominante, mulheres e homens eram conduzidos a ocuparem esferas diferentes em relação ao casamento: para a mulher casar era considerado algo natural,

um destino. Por isso, a espera pelo casamento era um elemento importante: daí o enunciado que indica que ela casará logo após a formatura do noivo. Tal enunciado funciona dentro das condições de produção da época em que a mulher justifica para a outra sua espera pelo casamento. Já para o homem, o casamento era colocado algo como uma obrigação: ele precisava casar para sustentar uma família.

No segundo enunciado, a ideia de que o homem vai ser prejudicado com o casamento aparece, quando a interlocutora afirma que o noivo vai saber defender-se depois que se tornar advogado. Tais sentidos de que o casamento era algo bom para a mulher podem ser recuperados diante das condições de produção da época. Na década de 50, o sujeito mulher era responsável por gerenciar e manter a engrenagem familiar, funcionando de acordo com os padrões vigentes da década. Portanto, a finalidade primeira da mulher era casar, ser boa esposa e boa mãe. Sobre isso Simone Beauvoir assevera: “o destino que a sociedade tradicionalmente propõe à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo” (BEAUVOIR 2009, p.547).

Pode-se então, perceber que o destino naturalizado da mulher é o matrimônio, cabendo a ela, portanto, o título de “rainha do lar”, e encarregada da manutenção da prole. Desta forma, pode-se observar o funcionamento da ideologia através do silenciamento, ao dizer que o destino final do sujeito mulher é o casamento, silenciam-se, pois, possibilidades de êxito pleno em outros papéis que poderiam ser propostos ao sexo feminino.

No enunciado 1, a personagem usa a conjunção “..logo que...” que indica uma condição temporal para a realização do casamento que deverá ser realizado em breve. Já o segundo enunciado: “*Toma cuidado, assim ele saberá defender-se,*” retoma do interdiscurso o sentido negativo de casamento para o homem. Para este último, o casamento era um fardo, pois ele teria que sustentar financeiramente a mulher e a família, já que o trabalho fora de casa não era bem visto para o sexo feminino.

Assim, o não dito e a posição que ocupa o sujeito revelam o funcionamento da ideologia no que se refere ao local social da mulher, conduzindo-a a ocupar uma das posições na sociedade diferente da ocupada pelo homem, já que à mulher foi designado o papel de dona de casa e ao sexo masculino o lugar “natural” de provedor financeiro. O enunciado 2 promove a observação do funcionamento do interdiscurso, ao utilizar, contudo o verbo no imperativo ao lado da palavra cuidado “...*Toma cuidado.*”, retoma o que foi dito, fazendo ecoar esse sentido

negativo de que o sujeito mulher, em questão, preocupa-se com súbito despertar do homem e a descoberta dos “reais” interesses femininos.

A seguir outra piada sobre o casamento retirada da seção *Traças e Troços*, só que desta vez, a mulher já está casada.

Figura 2: exemplo 02



No exemplo 02, recortado também do periódico *Jornal das Moças* da década de 50, e também retirado da seção sobredita, verifica-se novamente um diálogo entre duas mulheres em que uma destas depõe sobre o seu casamento. Os enunciados são: “- *Que tal o seu casamento?* – *No começo foi um poema, depois um romance e agora, uma tragédia.*”

No enunciado, retoma-se agora o sentido negativo de casamento para o sexo feminino. Segundo a mulher que responde à pergunta que inicia o diálogo, o casamento começou bem, mas se tornou uma tragédia. Como ainda não existia a lei do divórcio, a qual só foi aprovada na década de 70 no Brasil, as pessoas que não viviam juntas eram consideradas desquitadas ou separadas e eram muito mal vistas socialmente. Uma mulher separada tinha uma reputação muito negativa. De acordo com Pêcheux (2014) a elaboração dos sentidos ocorre a partir da posição ocupada pelo sujeito, portanto o sentido não existe à priori, mas é construído segundo o posicionamento ideológico dos sujeitos.

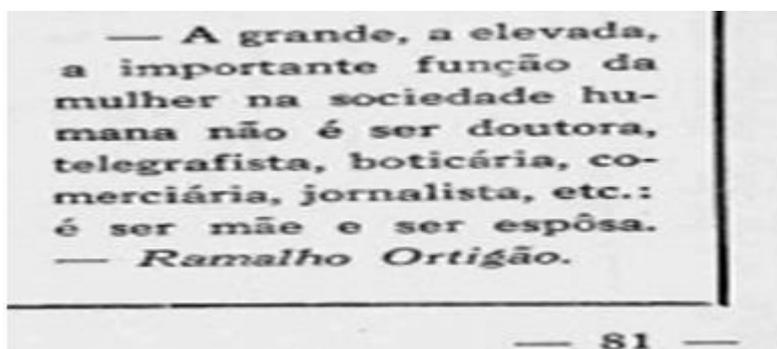
O enunciado indica uma crítica do sujeito à formação discursiva dominante de que o casamento seria sinônimo da completa felicidade e realização da mulher. Ao contrário, o sujeito mulher, rompe nesse caso com os saberes provenientes dessa Formação Discursiva (FD), colocando o casamento como algo ruim, comparando-o a uma tragédia. Isso posto, podemos afirmar que o sujeito mulher ao identificar-se com a ideologia dominante não o faz de modo

completo, a interpelação ideológica deixa um resíduo de um sujeito que pode movimentar-se dentro das diversas posições sujeito.

Esta mulher construída socialmente cresce sendo preparada para o casamento em todos os aspectos, é instruída a comportar-se, cuidar do lar, cuidar do corpo, do marido e dos filhos, assim, pode-se dizer então, nos termos de Simone Beauvoir, que “*não se nasce mulher, tornar-se mulher.*”, mas acaba frustrada, pois o casamento é uma tragédia. O sujeito mulher, aí colocado, demonstra traços de insatisfação matrimonial através da sua disposição corporal, pois esta permanece com a face levemente abaixada, além de sua resposta ser elaborada através de uma metáfora, referindo-se aos diferentes tipos de obras literárias como podemos ver no enunciado a seguir: “*No começo foi um poema; depois, um romance, e, agora, uma tragédia*”. Há aí um deslizamento de sentidos que ocorre quando há a ressignificação dos conceitos literários para exprimir a sua condição matrimonial.

O próximo recorte imagético foi selecionado do caderno das mães, uma seção pertencente à revista *Jornal das Moças*, onde o escritor Ramalho Ortigão define o papel social da mulher.

Figura 3: exemplo 03



Na figura 03, no enunciado em questão há a seguinte afirmação: “*A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser doutora, telegrafista, boticária, comerciária, jornalista, etc. é ser mãe e ser esposa*”. Apresenta-se assim, a definição do papel do sujeito mulher na sociedade de acordo com a ideologia vigente, que mantém a família como a mais preciosa jóia, um dos pilares da sociedade.

O sujeito discursivo autor do enunciado identifica-se com a formação discursiva que diz que lugar de mulher é no lar cuidando do marido e dos filhos e a partir dessa identificação ele circunscreve qual a posição e função da mulher: a de ser mãe e esposa. Para estabelecer tal função, ele nega a participação feminina em outras esferas da sociedade, negação essa que pode

ser atribuída ao funcionamento do silêncio local: o da censura. É a partir desse silêncio que sentidos são interditados. Nessa formação discursiva na qual o sujeito está inserido, não é permitido o sentido de que o trabalho fora de casa e as funções sociais diversas fossem funções importantes para a mulher: a ela são atribuídas as funções consideradas nobres para a época: ser esposa e mãe. Há uma interdição de sentidos, que a partir do funcionamento do silêncio local não podem aparecer nessa formação discursiva.

Portanto, mais uma vez, a construção da ideia do que é ser mulher é efetivada através do funcionamento ideológico, pois, mesmo quando se coloca a possibilidade de que a mulher pode ocupar outras posições, essas são consideradas secundárias em relação à “nobre função” do casamento e da maternidade.

A mulher deveria se restringir ao seu “espaço natural”, o lar, evitando toda sorte de contato e atividade que pudesse atraí-la para o mundo público. A medicina fundamentava essas concepções em bases científicas, mostrando que o crânio feminino, assim como toda a sua constituição biológica, fixava o destino da mulher: ser mãe e viver no lar, abnegadamente cuidando da família. (DEL PRIORE, 2004, p 592)

Nesse contexto, observa-se que a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e na esfera pública em geral, deveria ser restrita e não desvinculada do lar. A presença da mulher casada no campo de trabalho deveria se dar de modo cauteloso, pois, poderia gerar o abandono do lar não permitindo que as mesmas realizassem bem as suas funções maternais e domésticas, ou seja, a atuação feminina no mercado de trabalho era considerada uma coação à ordem pública.

Os já ditos juntamente com os não ditos sobre o que é ser mulher são frutos do funcionamento da ideologia. Embora o sexo feminino também tenha conquistado o campo de trabalho na década de 50, neste mesmo período ocorreu uma retração no que diz respeito à mulher casada, pois segundo o *Jornal Das Moças* ao sair para trabalhar a dona de casa iria fragmentar seu tempo e fragilizar a sua eficácia nos trabalhos domésticos e cuidados com o marido e filhos além da perda da sua feminilidade.

Pode-se constatar o estranhamento do sujeito mulher ao almejar os ambientes profissionais no texto do exemplo 03, pois este não é seu lugar social “natural”, pois o casamento é o ápice da realização feminina. Portanto, a ideologia funciona através dos mecanismos da propaganda do periódico para solidificar as concepções de gênero que atribuem papéis específicos para o homem, como a este ser dado o lugar de autoridade, e à mulher lugar de total submissão.

Assim, o papel do sujeito mulher como mãe e esposa não pode ser alterado. O desempenho feminino é parte primordial na consolidação de um lar feliz e tranquilo, recai isto mais uma vez sobre “os seus ombros” agravando a desigualdade entre os sexos.

A seguir o quarto recorte imagético foi retirado da seção *Traças e Troços* do periódico *Jornal das Moças* retratando, novamente, o dia a dia do casamento.

Figura 4: Exemplo 04



No exemplo 04, vemos o diálogo entre o marido e mulher: “- *Você não escovou meu terno hoje, querida.* - *Como você sabe disso?* ; - *Encontrei minha carteira intacta.*” O casamento traz atribuições específicas e direitos diferenciados para ambos os sexos. O recorte acima retrata um momento do cotidiano doméstico, em que o casal mantém um diálogo sobre dois temas considerados importantes na esfera doméstica que são os cuidados com o marido e as questões financeiras.

O marido, na posição de “chefe de casa”, detém o poder de decisão sobre as questões financeiras referentes ao lar e isto inclui dizer quais são os gastos importantes a serem realizadas pela família. As leis vigentes na década de 50 alicerçam a ideia de “incapacidade” feminina, ao casar-se a mulher passa de incapaz para contribuir com seu esposo no orçamento doméstico e, por isso não possui poder de decisão”. Pelo trabalho da ideologia o homem é apresentado naturalmente como o provedor financeiro da família: aquele que sustenta a mulher e os filhos, aquele de quem a mulher depende financeiramente.

Neste contexto, pode-se observar a ideologia machista que concebe ao homem total autoridade e direitos sobre a mulher. Os já-ditos de que a mulher deve ser obediente e submissa, inicialmente, sob a tutela do pai e posteriormente ao marido reafirmam o que é ser mulher de acordo com os padrões da época.

O enunciado “*encontrei minha carteira intacta*” corrobora para disseminação dos estereótipos sobre a mulher, assim resgatando elementos do interdiscurso que associam a mulher à posição de relativamente incapaz e dependente financeiramente do homem.

Vale salientar que, para as mulheres casadas, buscar uma profissão remunerada, em um contexto que o marido tenha condições de sustentar a casa sozinho, era considerado um pretexto para ausentar-se dos seus deveres domésticos. No texto imagético desta análise, o local em que ocorre a conversa é no lar, o marido questiona a esposa referente à realização das tarefas, o que indica as posições diferentes ocupadas pelos sujeitos na esfera social e que se consomem na esfera discursiva.

Considerações finais

Conforme os elementos indicados, pode-se concluir que as materialidades com propagandas, piadas e outras veiculadas na revista *Jornal das Moças* funcionavam como difusores da ideologia dominante na década de 50. Através dos periódicos era possível a normatização dos sentidos, relativos à mulher e ao seu papel no casamento, como ser boa esposa e mãe. A ocupação de outras esferas era interdita às mulheres pelo trabalho do silêncio local e da ideologia que age conduzindo sujeitos a ocuparem uma dada posição na sociedade.

Os exemplos selecionados para a análise constatarem que a noção de feminilidade está amplamente ligada à ideia de ser esposa e mãe, sendo o casamento discursivizado ora como algo positivo e ora como negativo. Nas condições de produção da época, considerava-se o casamento o destino final e natural das mulheres e a dissolução do mesmo não era permitida, uma vez que legalmente e aos olhos da religião, o casamento era indissolúvel, cabendo à mulher criar mecanismos para mantê-lo intacto, mesmo que não estivesse satisfeita com o matrimônio.

Deste modo, mesmo que a mulher ocupe outros lugares sociais, segundo a ideologia disseminada pelo *Jornal das Moças*, a mulher estará sempre ligada à imagem doméstica.

Referências

BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo*; tradução de Sèrgio Milliet.- 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Edunesp, 2004.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.), 2010. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. Ed. Traduzido por Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Ed. UNICAMP.

HEINE, P. *Tramas e Temas em Análise do Discurso*. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

LUCA, T. R. Mulheres em revista. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C. 113 (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013, v. 1, p. 447-468.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campina, SP Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas”. In: GADET & HAK (org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163 -252.

PINSKY, C. B. *Mulheres dos Anos Dourados- 1*: ed.São Paulo .Editora Contexto,2014.